



**I Seminário Nacional Infância,
Juventude e os Direitos Humanos no Brasil**
Niterói (RJ, Brasil), 10 a 12 de setembro de 2025

Rap é compromisso: narrativas e estratégias contra o racismo.

Rap is commitment: narratives and strategies against racism.

Nayara Alves de Aleluia¹

Eixo Temático: 2- Capitalismo, justiça ambiental e relações étnico-raciais.

1. INTRODUÇÃO

“ Me ver pobre, preso ou morto, já é cultural.”

(Racionais Mc's, 1997)

Este resumo expandido tem como objetivo apresentar o rap para além de um estilo musical, mais um movimento cultural utilizado pela população negra no enfrentamento ao racismo. O rap configura-se como uma expressão cultural que emerge da dor, da denúncia e da resistência diante das múltiplas expressões da questão social, historicamente atravessadas pelo racismo estrutural, pela desigualdade socioeconômica e pela exclusão sistemática das populações negras e periféricas. Ao pesquisar e experienciar o rap, compreendemos que ele não se reduz a um campo estético, mas assume centralidade como instrumento de enfrentamento simbólico e político diante das estruturas de opressão. Assim, constitui-se como a voz daqueles que historicamente foram silenciados e invisibilizados. O rap como um poderoso instrumento de resistência e expressão cultural no Brasil, logo foi apropriado pela juventude negra periférica. Um movimento que ultrapassa barreiras simbólicas e desafia normas conservadoras, opressoras e racistas. Consolida-se como uma ferramenta de enfrentamento das adversidades sociais, fomentando o pensamento político e crítico, mobilizando reflexões profundas e impulsionando transformações significativas e positivas.

2. DESENVOLVIMENTO

RAP (Rythym and Poetry), que traduzindo para o português Teperman (2015) nos diz que significa ritmo e poesia. Suas letras, longe de serem manifestações vazias ou alienadas, expressam um repertório de sentimentos, dores e esperanças. “As transcrições ocultas negras são, ao mesmo tempo, momentos discretos de expressão cultural e exemplos de resistência discursiva às estruturas de dominação”(Rose, 2021). Tornam-se, assim, forma legítima de acesso ao “lugar de fala” da

¹ Mestre em Serviço Social pelo Programa de Pós- graduação da UFRJ, Conselheira tutelar (ct 13)
nayaramestrado23@gmail.com

juventude negra periférica, possibilitando a expressão de subjetividades historicamente silenciadas. Se configura como uma ferramenta de elaboração simbólica da experiência social, especialmente para jovens que enfrentam a violência institucional, o racismo cotidiano e a exclusão sistêmica.

O rap brasileiro não se configurou como mera cópia dos guetos de Nova York onde se tem sua origem, ao contrário, foi criativamente ressignificado a partir das vivências locais e das referências culturais brasileiras, como o samba, o funk, a religião de matriz africana e a oralidade popular. Pimentel (1997) traz que: [...] o rap é só um dos galhos da grande árvore da música negra. É filho do funk, neto do soul, bisneto do spiritual e do blues... Irmão do rock. Primo do reggae, do maracatu, da embolada..." (p.22) E quando chega no Brasil encontra o samba. São ritmos musicais que se conversam e cada um tem um pouco do outro.

A cidade de São Paulo ocupou papel central nesse processo, o movimento encontrou eco especialmente nas periferias urbanas, onde a ausência do Estado, a violência policial, a precariedade das políticas públicas conformam uma realidade marcada pela exclusão, mas também por resistência e criatividade. Por muito tempo, moradores de favela ou periferia tinham vergonha de relatar seu local de moradia. D'andrea (2020) nos informa que: "O momento da mudança ocorreu nos primeiros anos da década de 1990, quando o movimento hip hop passou a publicizar o termo" (p.21). Dessa forma suas letras além de evidenciar as violações de direitos que moradores de favelas vivem, é dito como instrumento de denúncia, afirmação de identidade e pertencimento. "Minha área é tudo que eu tenho, a minha vida é aqui, eu não consigo sair. É muito fácil fugir, mas eu não vou. Não vou trair quem eu fui, quem eu sou. Gosto de onde eu estou e de onde eu vim. Ensino da favela, foi muito bom pra mim" (Racionais Mc's 1997)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os principais achados, destaca-se que o rap se consolida como uma prática cultural profundamente engajada e crítica, explicitando e confrontando abertamente desigualdades raciais e sociais estruturais. Suas letras agem como sujeito político ativo, produtor legítimo de saberes e de narrativas insurgentes, desafiando discursos dominantes sobre as favelas. Além disso, a favela reconhecida enquanto território fértil de produção estética e intelectual, é marcada pela resistência coletiva às violências institucionais e o abandono do poder Estatal.



**I Seminário Nacional Infância,
Juventude e os Direitos Humanos no Brasil**
Niterói (RJ, Brasil), 10 a 12 de setembro de 2025

4.REFERÊNCIAS

D'ANDRÉA, T. P. **A formação dos sujeitos periféricos: Cultura e política na periferia de São Paulo.** Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PIMENTEL, S. O livro vermelho do hip hop. TCC. Universidade de São Paulo, São Paulo.1997

RACIONAIS MC'S. **Fórmula mágica da paz.** Rio de Janeiro: Boogie Naípe, 1997.

RACIONAIS MC'S. **Negro drama.** Rio de Janeiro: Boogie Naípe, 1997.

TEPERMAN, R. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil.** São Paulo: Enigma, 2015.